



<http://pev-proex.uergs.edu.br/index.php/xsiepex/index>

ISSN do Livro de Resumos: 2448-0010

## USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR POPULAÇÕES URBANAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: REVISÃO DE LITERATURA

Valéria De BORTOLI<sup>1,2</sup>, Natália Aline NIED<sup>1,2</sup>, Adenilze Da FRÉ<sup>1</sup>, Tainá Herta SOARES<sup>1</sup>, Saionara Eliane SALOMONI<sup>1</sup>, Neusa ANDREOLLA<sup>1,3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Unidade em Erechim. <sup>2</sup>Bolsista de iniciação científica UERGS. <sup>3</sup>Professora orientadora.  
E-mails: valeria-bortoli@uergs.edu.br; natalia-nied@uergs.edu.br; adenilze-fre@uergs.edu.br; taina-soares@uergs.edu.br; saionara-salomoni@uergs.edu.br; neusa-andreolla@uergs.edu.br

### Resumo

Estudos etnobotânicos permitem investigar a utilização das plantas com finalidades terapêuticas por determinado grupo populacional. Este trabalho teve como objetivo analisar a produção científica acerca do uso de plantas medicinais por populações urbanas do Rio Grande do Sul publicada em artigos nacionais entre 2015 e 2020. A busca dos trabalhos foi realizada em diferentes bases de dados eletrônicas com o uso dos descritores etnobotânica e plantas medicinais seguindo a metodologia PRISMA. A amostra para este estudo foi composta por dois artigos. Os estudos registraram 87 espécies de plantas medicinais, pertencentes a 32 famílias botânicas, sendo Asteraceae e Lamiaceae as famílias mais representativas. Os estudos também destacam as espécies mais utilizadas, as partes da planta mais usadas, a principal forma de preparo e principal uso terapêutico. A riqueza de espécies de plantas medicinais encontradas nos quintais justifica a importância histórico-cultural e científica da realização de estudos etnobotânico em populações urbanas.

### INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais com fins terapêuticos é uma prática milenar e comum nas populações, caracterizada pelo acúmulo de experiências e saberes que são transmitidos de geração em geração. Essas práticas são observadas com maior frequência em populações tradicionais, sendo considerada uma arte embasada no acúmulo de informações repassadas, oralmente, de geração em geração (BUENO & SANT'ANA, 2014).

Segundo Lorenzi e Matos (2021), até o século XX, a flora medicinal foi amplamente utilizada no Brasil, mas, com o processo de industrialização e urbanização do país, o conhecimento tradicional sobre as plantas e os seus usos foi posto em segundo plano. No entanto, atualmente o uso de plantas medicinais passou a ser muito valorizado, inclusive pelas populações urbanas, como uma forma auxiliar na medicina tradicional (OLIVEIRA & MENINI NETO, 2012). Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), 65 a 80% da população dos países em desenvolvimento dependem das plantas medicinais como única forma de acesso aos cuidados básicos de saúde (BRASIL, 2006). Por isso, a própria OMS tem preconizado a necessidade de valorizar o uso da flora medicinal na atenção básica à saúde. No Brasil, desde 2006, o uso das plantas medicinais passou a fazer parte do Sistema Único de Saúde (SUS).

Além disso, a preocupação com a sustentabilidade e com a conservação da biodiversidade e da qualidade de vida das populações têm despertado o interesse cada vez maior dos centros de pesquisa em fazer estudos sobre as plantas medicinais brasileiras, buscando validar cientificamente o seu uso (LORENZI; MATOS, 2021).



Segundo Oliveira e Menini Neto (2012), as comunidades que fazem uso de plantas medicinais possuem um acúmulo de conhecimento sobre a indicação terapêutica de cada planta e a forma correta de utilização. Sendo assim, o levantamento etnobotânico dos saberes empíricos/tradicionais das comunidades sobre essas plantas, especialmente as da flora local, não só possibilita a identificação das espécies, mas, também, valoriza o conhecimento popular das comunidades, os quais são importantes para que as ações terapêuticas das plantas sejam conhecidas e, posteriormente, comprovadas cientificamente. Além disso, segundo os mesmos autores, os estudos etnobotânicos são importantes devido à grande riqueza de espécies da flora medicinal brasileira, muitas delas ainda desconhecidas pela comunidade científica e que se encontram ameaçadas pelas intensas ações antrópicas, como no caso dos biomas Mata Atlântica e Pampa. Assim, assumindo-se a hipótese de que os quintais urbanos também são locais em que se pode encontrar uma rica biodiversidade de plantas medicinais, este estudo teve como objetivo analisar a produção científica, publicada em artigos nacionais entre 2015 e 2020, sobre o uso de plantas medicinais por populações urbanas do estado do Rio Grande do Sul.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla de revisão sistemática da literatura disponível em bases de dados eletrônicas, conduzida conforme a metodologia PRISMA (GALVÃO *et al.*, 2015), com a finalidade de analisar o uso de plantas medicinais por populações urbanas brasileiras publicada entre 2015 e 2020. A busca de artigos foi realizada, durante os meses de setembro e outubro de 2020, nas bases eletrônicas SciELO, LILACS, Medline Portal Capes e Kroton, por meio dos descritores etnobotânica e plantas medicinais. Somente foram pesquisados artigos publicados em português. Foram encontrados 123 trabalhos, sendo que 38 foram excluídos por duplicidade de título e 15, por impossibilidade de acesso ao texto completo, restando 70 artigos que foram, então, codificados. A seguir, fez-se a leitura dos resumos e a verificação da existência de tabelas contendo as informações das plantas medicinais pesquisadas, com o objetivo de refinar a amostra por meio de critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos originais sobre o uso de plantas medicinais por populações urbanas. Os critérios de exclusão foram: artigos de revisão ou estudos clínicos e ausência de tabelas ou com tabelas incompletas das plantas medicinais. Por meio desse processo, a amostra final foi constituída por onze artigos que foram, então, recodificados e analisados. No caso do presente trabalho, usou-se um novo critério de inclusão que consistiu em artigos que tratam especificamente do uso de plantas medicinais por populações urbanas do estado do Rio Grande do Sul, tendo sido selecionados dois artigos. A análise dos artigos consistiu na leitura dos trabalhos na íntegra e, posteriormente, na elaboração de quadros sinópticos com os dados coletados e os resultados de cada pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Foram analisados dois artigos sobre o uso de plantas medicinais por populações urbanas do Rio Grande do Sul e que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos, sendo um estudo realizado no contexto do bioma Mata Atlântica e o outro, no bioma Pampa (Quadro 1).

Ambos os estudos constaram que as populações urbanas fazem uso de plantas medicinais, especialmente, para fins terapêuticos. Apenas um estudo (10<sup>(45)</sup>) indicou o uso de plantas como aromatizante de chimarrão.

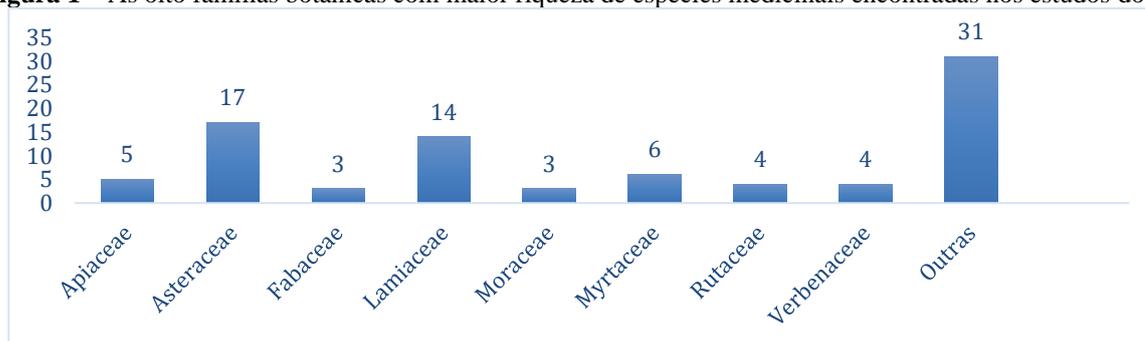
**Quadro 1** - Identificação dos dois artigos selecionados para a análise

Código	Autor(es)	Ano	Local	Bioma
9 <sup>(45)</sup>	Schiavo <i>et al.</i>	2017	Ijuí, RS	Mata Atlântica
10 <sup>(47)</sup>	Brião <i>et al.</i>	2016	Hulha Negra, RS	Pampa

Fonte: Autores (2021)

Os estudos também indicaram que a maioria das pessoas possui o hábito de cultivar as plantas medicinais nos quintais de suas residências, o que sugere uma facilidade de transmissão do conhecimento dentro da própria comunidade. Foram registradas ao todo 87 espécies diferentes de plantas medicinais, distribuídas em 32 famílias. Grande parte das plantas estão agrupadas em poucas famílias, sendo que as famílias botânicas com maior riqueza de espécies foram Asteraceae (17 espécies) e Lamiaceae (14 espécies) (Figura 1). Esses resultados corroboram a relevância das famílias botânicas Asteraceae e Lamiaceae, conhecidas mundialmente como principais fontes de plantas medicinais (VALERIANO; SAVANI; SILVA, 2018).

**Figura 1** – As oito famílias botânicas com maior riqueza de espécies medicinais encontradas nos estudos do RS



Fonte: Autores (2021)

As nove espécies de plantas medicinais mais utilizadas pelas populações pesquisadas foram: *Achyrocline satureioides* (Lam) DC. (Marcela, n=72); *Plectranthus barbatus* Andrews, (Falso boldo ou Boldo brasileiro, n=33); *Matricaria chamomilla* L. (Camomila ou maçanilha, n=25); *Mentha x piperita var. citrata*, (Hortelã pimenta, n=22); *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (Capim Cidreira, n =15); *Baccharis trimera* (Less.) D.C. (Carqueja, n=15); *Blepharocalyx salicifolius* (Kunt) O. Berg. (Murta, n = 14); *Malva sylvestris* L. (Malva = 14); *Solidago microglossa* DC. (Arnica do Campo, n = 11). Dentre essas espécies mais citadas, apenas a marcela, a carqueja e a murta são nativas, inclusive ocorrendo naturalmente no RS, como no caso da murta e da carqueja, sendo as demais classificadas como exóticas.

Em ambos os estudos, a maioria das plantas utilizadas são exóticas de origem europeia. De acordo com Koch (2000), a grande quantidade de plantas de origem europeia encontrada no Rio Grande do Sul é devido à imigração alemã e italiana que ocorreu nesse estado. O maior número de registros de espécies nativas ocorreu no estudo realizado no bioma pampa (10<sup>(47)</sup>), em que 38,8% das espécies identificadas são plantas nativas da América do Sul, as quais encontram-se naturalmente no Bioma Pampa. Esse resultado aponta sobre a importância de realização de mais estudos etnobotânicos no bioma Pampa, já que esses estudos ainda são escassos.

A maioria das plantas pesquisadas apresenta o hábito herbáceo, sendo as folhas as partes mais utilizadas. O uso predominante das folhas se deve provavelmente à facilidade de coleta, já que estão disponíveis o ano todo. Conforme Tuler (2011), o uso das folhas provoca menores impactos na planta, pois não interfere



no seu crescimento e reprodução e nem causa a morte do espécime utilizado, contribuindo, assim, para a conservação da flora local. A forma de preparo predominante foi a infusão/chá, já que se encontra intimamente relacionada à prevalência de uso das folhas. Isto sugere que o preparado é feito de forma correta, conforme a parte da planta que está sendo utilizada. Em relação ao uso terapêutico, ambos os estudos apontaram um amplo uso de plantas medicinais para o tratamento de enfermidades relacionadas ao sistema digestório, contrariando o que normalmente se evidenciam em outros estudos, em que o maior uso está relacionado ao sistema respiratório, especialmente no tratamento de gripes e resfriados (SOUSA *et al.*, 2020). A prevalência de utilização de plantas medicinais para as situações que acometem o sistema digestivo, justifica a marcela e o falso boldo terem sido apontadas como as espécies mais utilizadas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de revisão da literatura permitiu compilar informações sobre a flora medicinal do Rio Grande do Sul. Os estudos analisados indicaram que o uso de plantas medicinais é uma prática comum em comunidades urbanas do estado, tanto nas inseridas no bioma Mata Atlântica quanto no Pampa. O estudo possibilitou constatar os usos de diversas espécies de plantas medicinais nativas e exóticas cultivadas nos quintais das residências, sugerindo uma riqueza de saberes que continuam sendo transmitidos de geração em geração. A riqueza de espécies de plantas medicinais encontradas nos quintais indica a importância histórico-cultural e científica da realização de estudos etnobotânicos nessas populações urbanas.

**AGRADECIMENTOS:** este estudo contou com bolsa PROBEX/UERGS.

### REFERÊNCIAS

- BRASIL. 2006. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_fitoterapicos.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf). Acesso em: 10 jan. 2021.
- BRIÃO, D.; ARTICO, L. L.; LÍMA, L. F. P.; MENEZES, A. P. S. Utilização de plantas medicinais em um município inserido no bioma pampa brasileiro. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, v. 14, n. 2, p. 206-219, ago./dez. 2016.
- BUENO, A. R.; SANT'ANA, A. L. 2014. Conhecimento, cultivo e formas de utilização de plantas medicinais por agricultores familiares de Santa Albertina (SP). *Cultivando o Saber* 7 (4): 319 – 331.
- GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. 2015. Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: a recomendação PRISMA. *Epidemiologia e serviços de saúde* (24): 335-342.
- KOCH, V. 2000. **Estudo etnobotânico das plantas medicinais na cultura ítalo-brasileira no Rio Grande do Sul**. [Dissertação]. Departamento de Fitotecnia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 138p.
- LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. 2021. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 3. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum.
- OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. 2012. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte, MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Botucatu, v.14, n.2, p.311-320.
- SCHIAVO, M.; GELATTI, G. T.; OLIVEIRA, K. R. de; BANDEIRA, V. A. C.; COLET, C. de F. 2017. Conhecimento sobre plantas medicinais por mulheres em processo de envelhecimento. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v. 38, n. 1, p. 45-60.
- SOUSA, N. M.; MARQUES, M. M. M.; ARAGÃO, J. A.; MEIRELES, V. de J. S. 2020. Uso de plantas medicinais no tratamento de doenças respiratórias. Cap. 18, p. 168 – 179. In.: CASTRO, L. H. A.; PEREIRA, T. T.; MORETO, F. V. de C. (Orgs.). **Propostas, recursos e resultados nas ciências da saúde**, 9 [recurso eletrônico]. Ponta Grossa, PR: Atena.
- TULER, A.C. 2011. **Levantamento etnobotânico na Comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, MG, Brasil**. Graduação [Trabalho de Conclusão de Curso] Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Espírito Santo, 57p.
- VALERIANO F. R.; SAVANI, F. R.; SILVA, M. R. V. da. 2019. O uso de plantas medicinais e o interesse pelo cultivo comunitário por moradores do bairro São Francisco, município de Pitangui, MG. *Interações*. Campo Grande, MS, v. 20, n. 3, p. 891-905.